

A OUSADIA DE MANOEL: A TRAJETÓRIA DE UM LITERATO PREOCUPADO COM A INSERÇÃO DO CORDEL COMO FACILITADOR DE APRENDIZAGEM

Maria Helena do Rosário de Pontes[1]

Resumo
O presente artigo científico aborda a obra de Manoel Monteiro, cordelista, nascido na cidade de Bezerros/PE e apaixonado pela Literatura de Cordel desde os 06 anos de idade, quando frequentava a feira livre da cidade com seu pai. A visão dos cordelistas comercializando seus folhetos determinou sua vida e ofício: ser Cordelista. Aos 16 anos resolveu ir morar na cidade de Campina/Grande/PB, conhecida como a Capital do Cordel, e iniciou sua produção dos livretos. O período entre o ano de 2000 até 2012 é o marco de maior produção de sua obra. O Cordelista teve seus cordéis e livros utilizados como material paradidático nas Escolas do Estado da Paraíba, região nordeste do Brasil. Seus cordéis possuem uma linguagem clara e objetiva e versam sobre temas atuais como ecologia, saúde, gramática, literatura, comportamento, entre outros.

Palavras-chave: Educação. Literatura popular. Cultura.

Os folhetos de Cordel ou simplesmente folhetos - o nome cordel se deve a corda onde os folhetos ficam penduram, chegaram ao Brasil através dos portugueses e tem como características uma linguagem simples, de fácil manuseio, com temáticas bastantes diversificadas e ao alcance de todos pelo seu baixo custo. Os folhetos seguem regras de métrica e rima sem as quais não se faz um cordel.

Neste artigo procuro divulgar a obra de Manoel Monteiro, Cordelista, nascido na cidade de Bezerros/PE, no dia 04 de fevereiro de 1937. Decidiu o seu ofício e amor após frequentar a feira da cidade, acompanhado do seu pai, e sentir a magia dos cordelistas e repentistas, decidindo, então aos 16 anos viajar para a cidade de Campina Grande/PB. Autodidata, cursou até a terceira série primária; possuía uma inteligência extraordinária e teve seus cordéis e livros usados em sala de aula.

Uma das grandes preocupações de Manoel era ajudar os professores em sua árdua tarefa de educador e realizou essa vontade através dos seus livros paradidáticos e também dos seus cordéis com temas atuais e direcionados para a

[1] Mestranda do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Católica de Pernambuco.



educação, o meio ambiente, o social, a literatura, o despertar no leitor a consciência dos seus atos e a política, entre outros. Os seus folhetos possuem um diferencial que é o de apresentar na primeira e segunda contracapa uma crítica ao assunto que expunha. É percebida com clareza a ansiedade do poeta em persuadir e convencer o leitor das ideias propostas em seus cordéis. Manoel Monteiro antes de ser cordelista foi sapateiro, radialista, funcionário público, e político, o que ocasionou sua prisão, com a instauração do regime militar, por suas ideias e engajamentos com movimentos sindicais.

Com um acervo de mais de duzentos folhetos a sua trajetória também pode ser comprovada pelos diversos artigos publicados em jornais e revistas na Paraíba, além de registros dos eventos educativos que participou. As características de seus cordéis são linguagem rápida, fluidez, responsabilidade com a verdade histórica, agilidade, e musicalidade e a maior parte dos ”livrinhos” são compostos em septilhas (estrofe formada por sete versos). A maior reprodução literária alcançada pelo poeta foi com o cordel “A morte do Presidente Getúlio Vargas”, foram 11 mil reproduções. A Professora Maria do Socorro Moura Montenegro, em sua publicação “Manoel Monteiro – (RE) inventando o cotidiano nas diferentes facetas do cordel”, datado de 2018, confirma a assertivas da ousadia do Poeta:

> Certamente, foi um jovem ousado, em razão de, em plena juventude, ter se afastado de sua terra natal – Bezerros-PE, em busca de alçar voos mais altos. É como se tivesse apostado tanto na sua coragem de nordestino destemido como no seu desejo de que a literatura de cordel tivesse mais visibilidade no meio educacional, de modo que isso se concretizou de diversas formas (MONTENEGRO, 2018).

O Cordelista ocupou a cadeira de nº 38 da Academia Brasileira de Literatura de Cordel e fazia parte do movimento denominado Novo Cordel, sobre o qual Manoel Monteiro falou: “Isso é o que chamo de o NOVO CORDEL. Esse cordel novo não destoa na poesia, nem nas regras, nem na forma; prima, contudo, pela correção da língua, pela riqueza e pela atualidade das informações”.

Teve o ponto mais alto de sua carreira quando participou da Bienal do Livro, edição 2008, em São Paulo, com o cordel: A Espanhola Inglesa (adaptação da obra de Miguel de Cervantes), texto que se materializou em livro pela Editora Scipione.

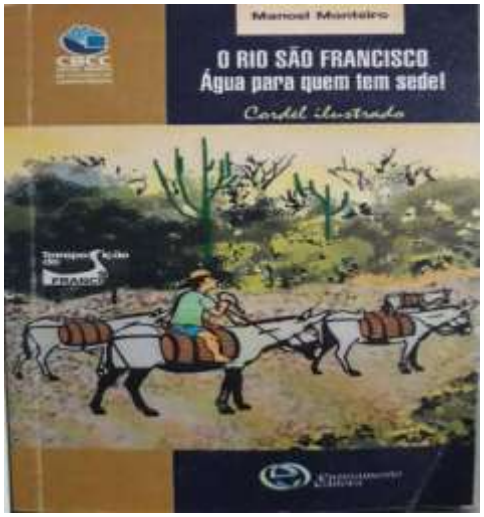




Outro fato de bastante alegria para Manoel Monteiro foi a “Oficina de Poesia Popular do Cordel”, promovida pela Universidade Federal de Campina Grande, em 2007, com participação do poeta nas duas primeiras turmas. O objetivo do evento era fazer com que os participantes falassem sobre o seu local, desde onde eles nasceram, onde eles vivem e como eles vivem, tudo isso em poesia.

O Cordelista, em suas obras, procurava despertar no leitor o espírito crítico como bem demonstra a parte extraída do seu livro: O Rio São Francisco – água para quem tem sede!

“41 – Falar em transposição
Para alguns é incorreto,
Mas, antes de criticar.
O mais certo, o mais correto.
É que eles se dispusessem
A parar um pouco e dessem
Uma olhada no projeto.”



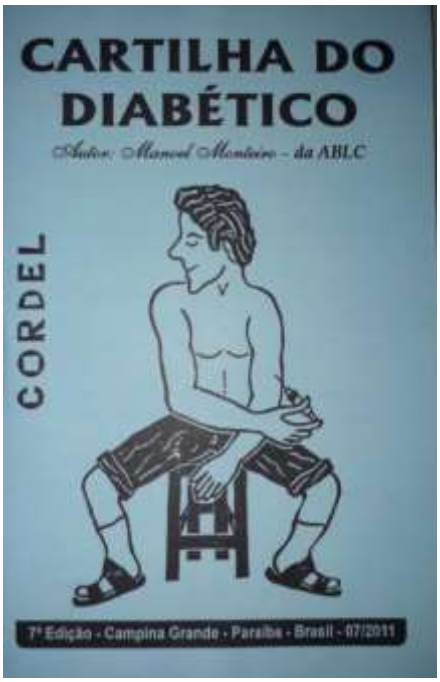


Empreendedor, por natureza, nas capas dos seus folhetos frases como as que seguem são encontradas: “Senhores Pais: Em vez de uma arma de brinquedo, presenteiem um cordel ao seu filho”; “O cordel facilita o trabalho do professor na sala de aula”; “Para criar no aluno o hábito da leitura, o melhor artifício é oferecer-lhe um cordel”.

No ano de 1997 recebeu homenagem dada pela Associação Protectora dos Diabéticos de Portugal pela produção de seu folheto “Cartilha do Diabetico abético”, a convite do HUAC – Hospital Uniersitário Alides Carneiro da UFPB.

A seguir, seguem alguns dos seus cordéis:

40 - De 70 à 110
Em jejum, bom se apresenta,
Duas horas após comer
Próximo dos 140,
Com todos os canapés,
Ao deitar, duns 110
Mais 10 ou 20 se aguenta
41 - Esses números não são fixos
Podem subir ou descer
Dependem do estado físico
Ou de que agente comer,
Do instante emocional,
Do “agito” dum carnaval
Ou dum tranquilo lazer...



34 – Um saco plástico “inocente”
Grande mal pode fazer;
Não se degrada na chuva,
Mas o bicho que o comer,
Provoca incontáveis danos
Porque passa muitos anos
Para a terra o dissolver

35 – Não jogar lixo no rua
Nem em terreno baldio
Manter nosso mundo limpo
Chega ser um desafio,
O lixo a chuva carrega
E a sujeira navega, Para obstruir o rio ...
28 – Alimentar-se correto
É fácil, basta querer,
Usar os CARBOIDRATOS
Ser comedido e saber
Consumir as PROTEÍNAS,





GORDURAS E VITAMINAS
Sem excesso e com prazer ...
30 – O "velho" SEDENTARISMO
E a MÁ ALIMENTAÇÃO
Estão relacionados
Com distúrbio e disfunção...



02 – Falar o grego ou o russo,
Alemão ou japonês
É difícil, convenhamos,
Mas, mais difícil, talvez,
Seja ouvir alguém dizer:
- Sei falar e escrever
Sem errar no português
30 – Pra dominar os – porquês –
Leia a nota costumeira
Que faço na contracapa
Onde encontrei a maneira
De aclarar mais as lições
Aceitando as sugestões
Do grande – SÉRGIO NOGUEIRA...



02 – Se você compra um produto
E o mesmo dar um defeito
Ou contratar um serviço
Pagar e ficar mal feito
Reclamar, não se ouvido,
No seu direito ferido
O PROCON vai dar um jeito
03 – Para reclamar, contudo,
Tem que ter prova legal
E uma prova robusta
É ter a Nota Fiscal,
Uma Nota de Serviço
Ou equivalente a isso
Com respaldo oficial





O Cordel de Ariano

Foi por isso que comecei escrevendo biografias superficiais de paraibanos ilustres no estilo cordel. Minha seara. Como acredito ser o cordel um excelente auxiliar do professor, e, como temos esta lacuna a preencher nada melhor do que cordelizar nomes importantes da nossa história doméstica. Assim nasceu o PROJETO: PARAÍBA SIM SENHOR! Chegamos, com certo esforço, ao nome de Ariano Suassuna.

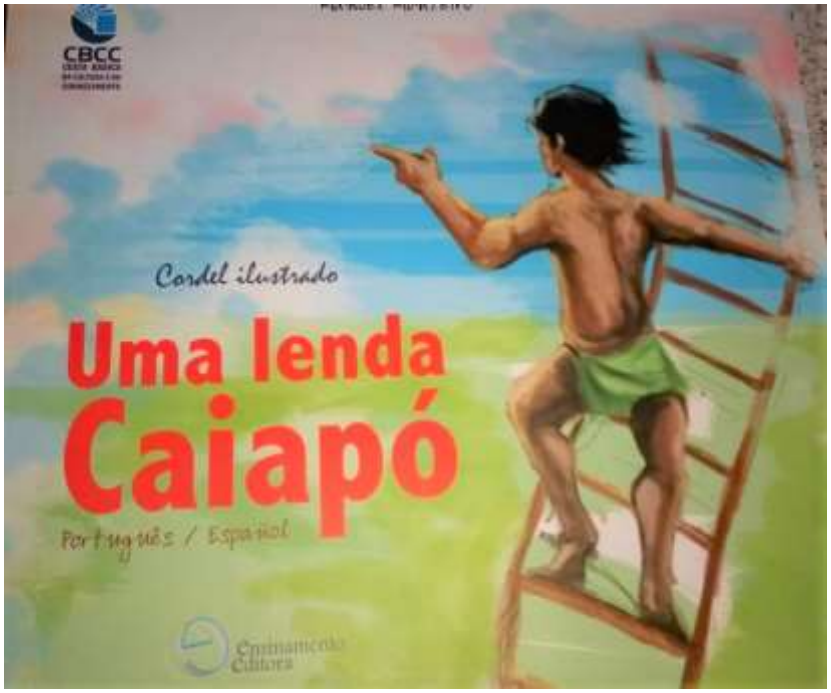
Podem crer, não e tarefa fácil falar, sem engenho e sem arte, de uma personalidade tão marcante quanto Ariano, mas, como o nosso propósito é simplesmente chamar a atenção da juventude para a importância de determinados nomes paraibanos, se conseguirmos que, um ou uns, volte-se a refletir sobre os muitos que fizeram tanto pelo nosso Estado e pelo nosso País, estaremos recompensados do nosso esforço.

Ariano é um intelectual brasileiro de alto nível, um homem que apesar de toda sua cultura humanística e universal teve e mantém os pés fincados na terra seca do Cariri paraibano. Ama os bodes e gosta de fruta de mandacaru. Gosta de ler folhetos e a maioria de suas obras são baseadas, ele mesmo confessa isto, nestes livrinhos de poesia. Desculpe mestre Ariano, se os versos que seguem não fazem justiça à sua grandeza. Manoel Monteiro.





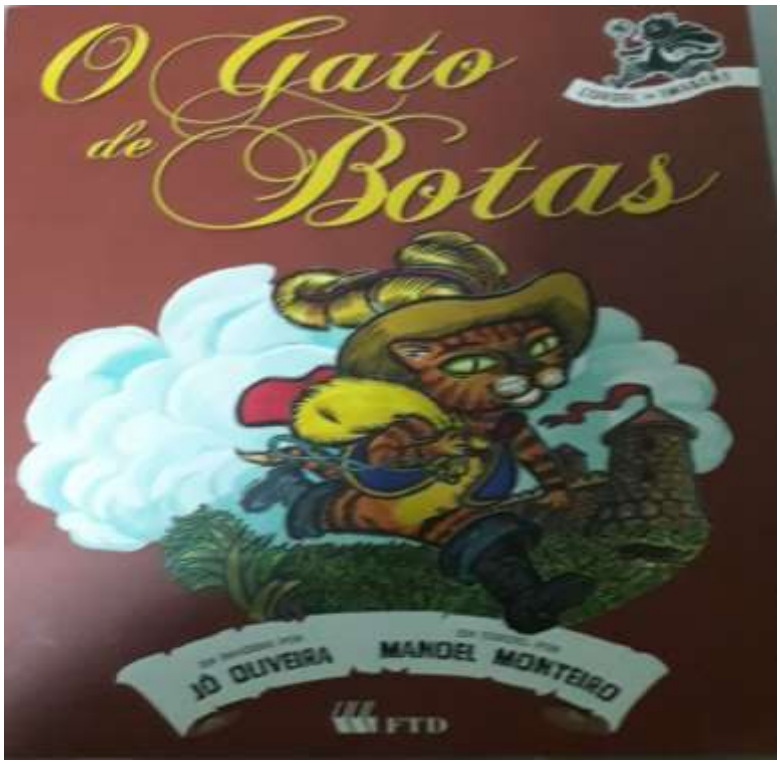
O poeta também é autor de livros paradidáticos, utilizados nas escolas do estado da Paraíba.

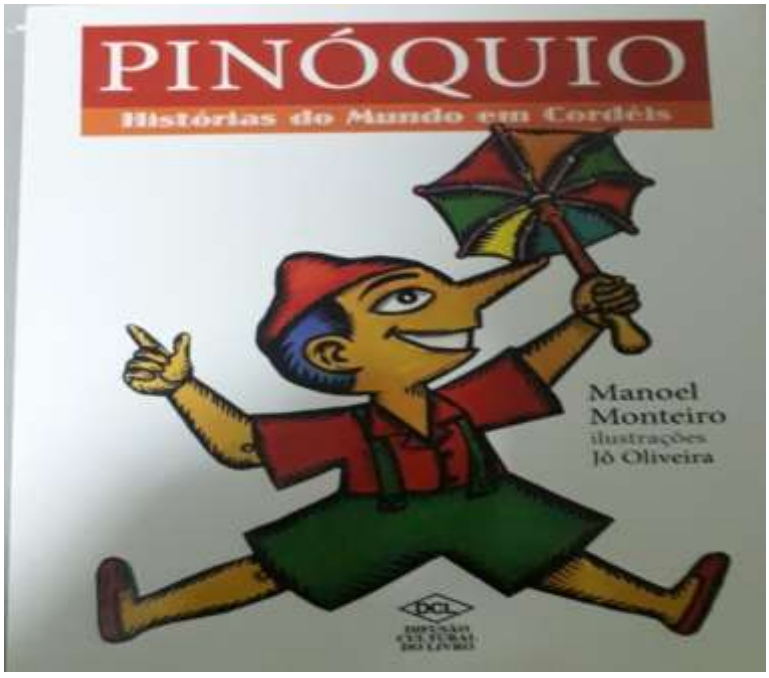






Obras infantis







Manoel Monteiro em sua cordelaria



Num trecho de seu cordel Campina dos meus amores, Manoel Monteiro faz uma analogia entre historiadores e cordelistas: “Como já dissemos, historiadores falam de datas, poetas falam de estrelas. Historiadores falam de fatos e feitos, os poetas de centelhas e centauros. Um é terra e água, o outro, fluido e essência”. O poeta foi destaque em vários jornais:



JORNAL da PARAÍBA

SOCIAL

Coluna do JO

Hermano José

Sem Açúcar e com Afeto

La Nona

Ecos da Jornada



Prêmio Camões 2000

Mania de Puig

Literatura de Cordel - Um texto marginalizado




ALCIONE

Cultura
DIÁRIO DA BORBOREMA

A renovação do cordel em Campina

O luto chegou ao cordel, quando após cinco dias desaparecido, Manoel Monteiro foi encontrado morto em um quarto de hotel na cidade de Belém do Pará; porém, sua obra ficou imortalizada, como grande cordelista que foi e toda sua herança literária deixada.





Meu amigo Manoel Monteiro

Conheci o poeta Manoel Monteiro há uns 15 anos, no teatro municipal de Campina Grande – Paraíba. Vi aquele cidadão com a testa larga dos inteligentes, cabelos brancos, finos e esvoaçantes, no quais eu imaginei a figura de um Castro Alves avançado nos anos. Ele estava com uma banca de cordéis, todos de sua autoria. Aproxime-se da banca e comecei a folhear um cordel e surpreendi-me com tudo que ali continha. Métrica, leveza, poesia, muito precisão no texto, tudo isso é muito raro nos cordéis que escrevem por aí, de cem cordéis escritos talvez tenha um com essa feitura. Daquele dia em diante surgiu uma grande amizade e uma admiração maior ainda. Tive a felicidade dessa admiração ser mútua e quero conservar enquanto Deus permitir a minha existência terrena. O seu legado poético, fica muito acima da tristeza que a morte nos impõe com a sua partida. Rezemos para que Deus o acolha no mais belo dos céus.
Geraldo Amâncio Pereira, Cordelista e Cantador

Considerações Finais

Merece menção que em toda a obra do cordelista se nota o seu anseio com o meio ambiente, com a saúde, com o direito e com a educação (área esta, de maior preocupação do poeta, uma vez que almejou e foi usado o recurso de sua obra em sala da aula). Não deve ser esquecido, também, o poder de Manoel Monteiro em despertar nas pessoas o interesse e a valorização pelo cordel, a responsabilidade de cada um na sociedade e o gosto pela produção de textos, competições e pelejas. As capas dos seus cordéis são assinadas, entre outros, por J. Rafael Correa Lima, Mastrella e Jô Oliveira.

Chegamos à conclusão com uma reflexão do próprio Cordelista sobre a importância dos folhetos na vida das pessoas. Manoel Monteiro afirma que grande parte dos consumidores dos folhetos não são alfabetizados, tem baixo poder aquisitivo e, através dos “livrinhos”, conseguem ter acesso a temas relevantes e notícias de interesse geral, entre os quais destacamos: A morte do presidente Getúlio Vargas; Salvem a Fauna! Salvem a Flora! Salvem as Águas do Brasil; Mulher é pra ser amada, não para ser maltratada (Lei Maria da Penha).

> (...) quando se estabelece no mundo das escolas, das universidades, a leitura se torna uma prática intelectual. É talvez a fundação de



nosso mundo, nesse sentido; e a partir deste ponto a função atribuída ao texto escrito não é somente uma função de conservação ou de repositório, é o próprio objeto do trabalho intelectual (CHARTIER).

Referências

AMORIM, Maria Alice e SARAIVA, Arnaldo. **Teia de Cordéis**. Catálogo. Recife: Fundação de Cultura da Cidade Recife, 2013.

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 1999.

ALBURQUERQUE JR, Durval Muniz. **A Invenção do Nordeste**. São Paulo: Cortez, 2011.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro. Zarzar, 2005.

CABRAL, Flávio José Gomes, CESAR, Tiago da Silva, NASCIMENTO, Luís Manuel Domingues e SANTOS, Maria Emília Vasconcelos dos. **História, Cultura & Patrimônio**. Experiências de pesquisa. Curitiba: Editora FI, 2019.

CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro/RJ.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel**: leitores e ouvintes. Belo Horizonte/MG. Autêntica, 2006.

HAURÉLIO, Marco. **Dicionário básico de autores de cordel**.

KOCH, Ingedore; TRAVAGLIA, Luiz. **Texto e Coerência**.

LEITE, José Costa. **Histórias e práticas culturais do poeta**. Appris editora. Curitiba/PR.

LUCENA, Kalhil Gibran Melo de. **O uso de uma linguagem popular nas aulas de história:** as representações da República Velha nos folhetos de Cordel.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade.

MONTENEGRO, Maria do Socorro Moura. Manoel Monteiro **(RE)Inventando o cotidiano nas diferentes facetas do Cordel**. Curitiba: Appris editora, 2018.

SILVA, Maria do Rosário. **Histórias ambulantes: cultura e cotidiano em folhetos de cordel**. 2008. Dissertação. (Mestrado em História do Brasil) UFPI. Teresina/PI, 2008.



SILVA, Maria do Rosário. **Histórias Escritas na Madeira**. 2015. Tese. (Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em História) UFPE. Recife/PE, 2015.